

---

IMAGEM: REVISTA DE HISTÓRIA DA ARTE

DOSSIÊ

# AMÉRICA LATINA

---

SÉCULOS XVIII-XIX  
DE COLÔNIAS A NAÇÕES



---

ANGELA BRANDÃO  
(ORG.)

## Apresentação

Angela Brandão<sup>1</sup>

Este dossiê foi especialmente organizado para *Imagem: Revista de História da Arte*, como resultado das XIV Jornadas de História da Arte: América Latina (séculos XVIII-XIX – de Colônias a Nações). O evento ocorreu em formato remoto entre os dias 23 e 25 de novembro de 2022, promovido pelas seguintes instituições: Departamento e Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo, Museu Afro Brasil; Universidade Adolfo Ibáñez e o Museu Histórico Nacional, do Chile; Universidad de los Andes, Colômbia e Universidad Nacional de Tres de Febrero, Argentina. O evento contou com apoio do Polo Guarulhos do Instituto de Estudos Avançados e Convergentes (IEAC) da Universidade Federal de São Paulo e com a participação, além dos organizadores, de representantes de diversas instituições latino-americanas e europeias: UNESCO, USP, UFSBA (Brasil) Universidade de Buenos Aires e Universidade Nacional de San Martín (Argentina); Universidade do Chile; Universidade de Granada, Espanha; Universidade de Durham, Inglaterra; Universidade Roma Tre, Itália.

A proposta inicial do encontro concentrou-se nos séculos XVIII e XIX, caracterizados por importantes transformações na América Latina. Da consolidação e aprofundamento do sistema colonial, marcado pela violência contra os povos originários e africanos, transformados em força de trabalho escravo; da exploração dos territórios e destruição do meio ambiente em favor da mineração ou de latifúndios monocultores agroexportadores; das estruturas do poder político de metrópoles que se enraízam por meio de complexas tramas burocráticas – emergem movimentos de libertação e independência.

Nos diferentes vice-reinos hispânicos e na colônia portuguesa, múltiplas formas de luta anticolonialista foram traçadas, com maior ou menor participação popular, muitas vezes sobrepostas por interesses de elites lo-

---

<sup>1</sup> Departamento de História da Arte e Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo/PPGHA-UNIFESP.

cais. As independências na América Latina ocorrem por caminhos diversos, em direção à formação de nações, como repúblicas ou monarquia. Entre tensões sociais e acordos entre classes dominantes, o processo de ruptura com a ordem colonial se deu de modo incompleto e fragmentado, o que gerou permanências que abatem ainda hoje o continente. No ano de 2022, em que Brasil e Equador celebraram duzentos anos de suas independências, fomos convocados a pensar nos limites desta suposta autodeterminação e na interminável condição colonial. Limites para que se pensasse a América Latina, como um continente integrado, sempre foram impostos, direcionando tais nações a pensar-se a si mesmas como mundos separados, incapazes de se compreender mutuamente, muito além da “barreira” linguística.

Do ponto de vista artístico, o século XVIII latinoamericano foi interpretado sob chaves estilísticas como barroco ou rococó, não somente em suas matrizes ibéricas, mas em diálogo com Itália, França ou Alemanha. Contudo, o Setecentos na América Latina pode ser lido com base em abordagens muito diversas: arte sacra|profana, arte erudita|“popular”, culturas locais|globais e outros dualismos a serem questionados. A chamada arte colonial ou vice-reinal prolonga-se para além das rupturas políticas e permanece durante o século XIX como longa duração. Se, para Ramón Gutiérrez, “a América continua a ser profundamente barroca”, neoclassicismo, romantismo e outras tendências artísticas nutriram institucionalizações artísticas nas nações independentes, sob moldes das Academias. Nacionalismos, invenções de identidade, juntamente com novos influxos da arte europeia, artistas viajantes e obras em circulação, por ações de colecionismo e mecenato são aspectos do Oitocentos latinoamericano. Pesquisadores de diferentes países apresentaram seus trabalhos durante as XIV Jornadas de História da Arte, os quais permitiram discutir o tema “América Latina (séculos XVIII-XIX): de colônias a nações”.

Rafael López Guzmán, da Universidade de Granada, Espanha, proferiu a instigante conferência de abertura, a qual podemos ler agora em sua versão escrita, como o capítulo que inaugura nosso dossiê. Trata da presença, ainda que negligenciada pelos sistemas de conservação do patrimônio, das arquiteturas neo árabes na América Latina como um todo, erguidas desde o século XIX, tal qual uma linguagem de recusa do passado colonial, indicando a importância em compreendê-las a partir de suas motivações estético-culturais.

No segundo momento da coletânea, temos três textos que apresentam reflexões a respeito do olhar do século XIX e começos do XX sobre os povos originários. Estefanía Blasco Dragun sugere um percurso pelo olhar ocidental em direção às culturas pré-hispânicas, a partir de imagens produzidas por expedições do século XIX. Karin Philippov nos apresenta uma análise criteriosa das imagens de indígenas como interlocutores do personagem principal, o Padre José de Anchieta, na obra do pintor Benedito Calixto. Embora voltado para os povos originários da América do Norte, o texto de Priscilla Risi acrescenta pontos importantes para o debate, contribuindo, ademais, para discussão deveras atual, na historiografia da arte, em torno da obra de Aby Warburg.

Em seguida, o dossiê se abre para artigos que abordam a arte católica nos séculos XVIII e XIX. No texto de Juan Isaac Calvo Portela são discutidas as ilustrações dos livros impressos junto à oficina de María Candelaria de Rivera, na cidade do México do século XVIII, com ênfase nas gravuras religiosas. Juan Ricardo Rey Márquez enfoca, por outro lado, as representações sacras adotadas por uma “liturgia patriótica”, como afirmação da independência da Colômbia. O texto de Klency Kakazu de Brito Yang nos remete, por sua vez, ao fenômeno da arte de Beuron, já entre os séculos XIX e XX, com especial interesse em sua manifestação no Mosteiro de São Bento, de São Paulo.

Em seguida, temos duas importantes contribuições que discutem o silenciamento (e as possibilidades de sua superação), com relação à presença dos africanos escravizados na América Latina. Joyce Farias indica a existência de uma nação africana cristã, por meio de imagens de devoção a Santo Antônio, devoção transposta do Kongo para o Brasil. Jaime Cuevas Pérez analisa ausências e presenças da imagem de soldados negros nas pinturas de batalha no contexto chileno do século XIX.

Outra perspectiva sobre a representação de conflitos armados é lançada pelo texto de Sebastián Riquelme Sáez acerca das fotografias da Guerra Civil chilena de 1891, a partir de conceitos como *Pathosformeln* warburguiano. Soma-se, como um desdobramento dessas reflexões críticas, o trabalho de Alex Silva Moreira, que versa sobre a imagem dos camponeses nas pinturas de Oscar Pereira da Silva.

Dois textos logo nos convidam a refletir sobre a cultura visual em sua manifestação na imprensa periódica. De um lado, observam-se o humor gráfico em revistas ilustradas argentinas e as representações políticas e carica-

turescas do presidente Julio Argentino Roca, no artigo de autoria de Agustina del Bianco, Luciano Pozo, Pamela Navarro e Valeria Viden. De outro lado, analisam-se as biografias de artistas como modelos de nacionalismo em publicações periódicas na Colômbia do século XIX, no texto de Diana Carolina Toro Henao.

Finalmente, o tema do colecionismo é abordado por Natália Cristina de Aquino Gomes, em busca do acervo composto até meados do século XX pelo diplomata José Salgueiro Esteves Brandão, hoje parte do Museu Histórico e Diplomático do Itamaraty, partindo da criação de uma Pinacoteca Brasileira em Lisboa. Cecília Paz Agüero Calvo vem enriquecer o debate com uma discussão em torno do inquietante colecionismo de Sara Braun, na Região de Magalhães, no Chile de finais do século XIX.

Algumas perguntas haviam sido colocadas em pauta: Como pensar a América Latina dos séculos XVIII e XIX do ponto de vista da história da arte, tal qual um tempo de mudanças e permanências? Até que ponto a história da arte revelou ou ocultou a violência do sistema colonial, o extermínio/domínio dos povos originários e africanos escravizados e seus descendentes? A narrativa histórico-artística reconheceu o silenciamento e a invisibilização das artes dos povos dominados e tem sido capaz de contribuir para “devolver” suas vozes e imagens? Em que medida a história da arte contribuiu ou prejudicou a compreensão da América Latina como um continente artístico? Ou, ao contrário, fixou-se uma história da arte fragmentada e incapaz de reconhecer os fios de ligações artísticas entre as diferentes nações latino-americanas? Como pensar as artes nos processos de independência da América Latina? Como as artes e a história da arte criaram símbolos e sentidos para as independências ou revelaram, por outro lado, suas contradições e fragilidades? Os pesquisadores que participaram das XIV Jornadas de História da Arte e que, generosamente, cederam seus textos para esta publicação, não se furtaram em respondê-las, mesmo que muitas dessas dúvidas ainda parem sobre nós.

São Paulo, março de 2023.